

## **A viragem à direita de Olmert**

“A decisão de convidar Lieberman para se juntar à coligação é também uma prova da fraqueza do governo do Kadima”, George Joffé

A entrada do partido Yisrael Beiteinu de Avigdor Lieberman na coligação governamental de Ehud Olmert demonstra uma significativa viragem à direita na política israelita. Ao mesmo tempo, sublinha a via política pessoal de Olmert, com a passagem de uma emulação de Yitzhak Rabin, com a sua visão de uma nova política em relação aos palestinianos, a uma emulação de Yitzhak Shamir, firmemente determinado a manter-se agarrado ao que Israel foi e a resistir a qualquer mudança positiva, como apontou recentemente Nahum Barnea, um comentador político no Yediot Aharonot. Não há dúvida de que a decisão de convidar Lieberman para se juntar à coligação é também uma prova da fraqueza do governo do Kadima, resultado do fracasso da guerra contra o Hezbollah no Líbano, no passado mês de Agosto.

A razão avançada para esta decisão foi que Lieberman traz consigo mais 11 deputados, dando a Olmert uma maioria teórica de 78 lugares nos 120 do Knesset, o que reforçaria o Kadima em relação a qualquer fraqueza do seu maior parceiro de coligação, o Partido Trabalhista, onde o líder e ministro da Defesa Amir Peretz enfrenta um movimento de contestação liderado por Ami Yalon. Yalon critica tanto a liderança de Peretz como o seu desempenho enquanto ministro da Defesa durante a recente guerra, e também as mudanças nas políticas de Ehud Olmert, com o «realinhamento» unilateral na Cisjordânia e ser substituído pela recusa intransigente em fazer concessões aos palestinianos – o que também é uma consequência do fracasso israelita no Líbano e do agravamento da situação na Cisjordânia. O Partido Trabalhista pode agora dividir-se, em resultado do recente alargamento da coligação.

A decisão de fazer entrar o Yisrael Beiteinu acarreta, porém, alguns perigos pois Avigdor Lieberman, um antigo assessor de Benjamin Netanyahu, tem exigências muito concretas. Quer anexar os colonatos da Cisjordânia, por exemplo, matando, assim, qualquer esperança de paz. Também propôs que se transferisse a população israelita árabe para áreas palestinianas, para evitar tensões demográficas entre árabes e judeus no interior do Estado de Israel. Tal acaba com qualquer ligeira esperança que persistisse em relação aos planos de Olmert de retirada unilateral da Cisjordânia. Mas os perigos não terminam aqui. Lieberman também quer acabar com o poder dos rabis na cena social introduzindo o casamento civil quando os rabis se recusam a autorizar a cerimónia religiosa do casamento que, para os judeus, é actualmente a única via para o matrimónio. Esta medida pode desagradar ao Shas, outro importante parceiro da coligação de Olmert.

Por outro lado, vai garantir a Olmert votos suficientes para aprovar o orçamento, mesmo que o Partido Trabalhista se divida sobre a questão, como é provável que aconteça. Nesse caso, Peretz pode ser obrigado a deixar a liderança – e será uma vítima a sacrificar pelo fracasso do governo na Guerra do Líbano. Tudo isto realça a determinação governamental para enfrentar o desafio da revisão constitucional – é praticamente consensual considerar o sistema de governo de Israel como sendo um factor de

instabilidade e o Presidente, Moshe Katsav, que enfrenta actualmente acusações de violação, criou uma comissão, composta por setenta pessoas, para elaborar propostas de reforma.

Lieberman quer eleições directas, ao estilo das presidenciais americanas, um limite mínimo de 10 por cento de votos para que um partido possa entrar no Knesset, e uma constituição formal. O Kadima propôs que os ministros se demitam dos seus lugares no Knesset para garantir a distinção entre o legislativo e o executivo, e que metade do Knesset seja eleito por um sistema maioritário de círculos uninominais, em vez da existente proporcionalidade.

Mas a outra razão para a posição de Olmert não tem nada a ver com a guerra sobre a revisão constitucional. Ele está de mãos atadas e o seu estatuto político está a sofrer à conta de sucessivas acusações de corrupção que contra ele são apontadas.

Agora, enfrenta uma investigação sobre o papel que desempenhou na privatização do Banco Leumi, há um ano atrás, quando era ministro das Finanças. Dois empresários que com ele estão relacionados conseguiram o controlo do Banco e o Tribunal de Contas suspeita de que terá existido uma indevida influência ministerial sobre essa decisão.

O Tribunal de Contas já decidiu que um negócio imobiliário em Jerusalém, no qual o primeiro-ministro vendeu uma casa a apoiantes políticos por um preço, suspeito, demasiado alto, não envolveu corrupção. Mas mesmo assim Olmert ainda suscita muitas suspeitas aos eleitores israelitas, pois a sua carreira foi recheada de acusações deste tipo, apesar de nunca terem sido provadas. Sob investigação estão negócios imobiliários em Jerusalém e Telavive e um escândalo de nomeações relativo ao período em que foi ministro do Comércio. Juntamente com os erros de avaliação recentes, são questões que podem levar à sua queda, sejam quais forem os parceiros de coligação que arranje. E tal seria perfeito para Lieberman, cujas ambições a ocupar o cargo de primeiro-ministro são conhecidas!

**George Joffé** . Investigador associado, IEEI